



# **O PIBID COMO FERRAMENTA DE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE BOLSISTAS DO PIBID DE HISTÓRIA DA UFPE**

Karolina Beatriz Barros Cavalcanti <sup>1</sup>  
Lays Caetano da Silva <sup>2</sup>

## **INTRODUÇÃO**

De acordo com Monteiro (2013, p. 19-20), a formação de professores é um território que sofre uma série de contestações, na medida em que é uma profissão alvo de muitos questionamentos e desvalorização, pois, como assinala a autora, “as crises e dificuldades do sistema educacional são atribuídas por muitos aos professores por sua formação deficiente, que não os capacita para o enfrentamento bem-sucedido dos desafios do cotidiano escolar”. Desse modo, o incentivo à formação é colocado em segundo plano, já que este é considerado insuficiente, não necessitando de algum tipo de investimento nesse viés.

Posto isso, apesar dessas insatisfações frutos de uma deficitária estrutura educacional serem atribuídas à formação dos professores, iniciativas como o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), representam uma ponte entre a graduação e a prática educacional, possibilitando ao licenciando componentes essenciais para a docência que o tornarão um profissional melhor e mais preparado e de mesmo modo, corrobora para uma articulação entre escolas e universidades. Segundo Ambrosetti et al. (2013, p. 157-158), o PIBID nasceu como reflexo de um contexto, onde delineou-se uma série de programas voltados à formação de professores, o qual o Governo Federal exerceu um papel de articulador dessas políticas públicas.

Em vista disso, o programa nasceu em 2007, destinado inicialmente às Instituições Federais de Ensino Superior, abarcando bolsistas das áreas de Biologia, Física, Química e Matemática. Se estendeu, a partir de 2009, às Universidades Públicas Comunitárias, Estaduais e Municipais, incluindo todas as áreas da licenciatura. Além de ser uma proposta de valorização da formação inicial por centrar-se na graduação e poderem se inscrever estudantes que estão entre o 1º período até o equivalente a 50% do curso, tem como finalidade manter o

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [karolina.barroscavalcanti@ufpe.br](mailto:karolina.barroscavalcanti@ufpe.br);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [lays.caetano@ufpe.br](mailto:lays.caetano@ufpe.br);



diálogo entre a teoria e a prática, aumentando, por conseguinte, o nível de qualidade profissional docente, assim como reduzindo as péssimas condições da educação escolar. Também se faz fundamental por sanar certas deficiências dos currículos dos cursos de licenciatura, mais especificamente nesse caso de análise do de História, uma vez que contraria a lógica acumuladora de conteúdo nos anos iniciais do curso e de ações práticas ao final, como mencionado por Anjos e Costa (2012, p. 1).

Sendo assim, esse trabalho tem como propósito abordar os fatores supracitados relacionando com nossa trajetória para poder visualizar melhor como se dão na prática. Em vista disso, o referencial teórico que baseou a seguinte investigação está contido em Ambrosetti et al. (2013), Anjos e Costa (2012) e Sockzeck (2011). Nessa perspectiva, se constitui em uma produção de importância acadêmico-científica por agregar mais elaborações a esse debate. Não obstante, também possui relevância sociopolítica, devido a uma conjuntura de contínuo desprestígio ao ofício do educador, particularmente nos tempos atuais, em que tal depreciação é materializada em medidas que reduzem os investimentos em mais da metade na educação e na ciência. Por conseguinte, o PIBID enquanto política educacional de formação profissional é atingida constantemente com bolsas que não são reajustadas, sofrendo com atrasos e o medo constante dos cortes. Na contramão da conjuntura, exaltar o que os discentes produzem no programa é uma forma de valorizar a educação nesse país.

## **METODOLOGIA**

O objeto a ser analisado é a nossa experiência enquanto participantes do programa na área de História da Universidade Federal de Pernambuco, entre novembro de 2020 e outubro de 2021, durante a pandemia de Covid-19 na EREM Santos Dumont, localizada no bairro de Boa Viagem em Recife. O foco será em como esta foi primordial para nosso primeiro contato com a sala de aula e com maior desenvoltura obtida a partir disso, principalmente nesse contexto pandêmico. Para uma melhor análise dos aspectos teóricos e experienciais apontados, foi efetuado um levantamento bibliográfico, através de livros e artigos científicos, sobre diversos autores que evidenciaram a importância e o papel do PIBID no que diz respeito à formação de professores. Ademais, também se utilizou de autores que abordam a própria questão da formação de professores, dado que auxiliaram em um olhar mais amplo desse panorama no Brasil, e os que versam sobre as relações de ensino-aprendizagem, posto que favoreceram um melhor entendimento sobre as práticas exercidas no programa e os frutos colhidos.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos dois meses iniciais do PIBID, as atividades ficaram centradas em reuniões entre a equipe para se conhecer mais e estabelecer um cronograma de ações, visto que a escola passava por um processo de provas finais e recuperações por ser final do ano letivo. O clima era um misto de empolgação e ansiedade, pois um mundo de novas possibilidades se desvelava. Éramos 4º período e o contato que havíamos tido com a docência era por meio de pré-vestibulares comunitários, onde a dinâmica era muito diferente de uma escola. Chegado o ano de 2021, iniciou-se uma série de aulões para os alunos dos segundos anos do ensino médio sobre temáticas pertinentes à educação patrimonial, em que em cada mês um grupo ou dupla ficou responsável por um momento.

Em fevereiro, foi a nossa vez, junto com outra dupla de pibidianas. Não se sabia muito bem o que esperar, nem qual seria a recepção por parte do alunado. Era um tema um tanto quanto novo para nós em função do seu caráter de especificidade, como provavelmente para eles, porque se tratava de um texto sobre ensino de história e patrimônio cultural do historiador Ricardo de Aguiar Pacheco. Algumas perguntas rondavam a mente durante a leitura e a confecção dos slides: “Como transformar essa linguagem acadêmica mais truncada do livro em algo atrativo? Como produzir um material útil? Qual linguagem utilizar na hora?”.

O resultado, por fim, foi positivo, mesmo com o nervosismo reinante, a falta de experiência e o formato on-line limitante. Os alunos, a princípio tímidos, se soltaram mais depois, tendo alguns feito perguntas. Outros até mesmo questionaram se iríamos ter mais aulas como aquela. E a lição que ficou é que tinha muito a ser aprendido com esses indivíduos que com suas perguntas capciosas fizeram da aula uma construção coletiva, apesar de ter sido, em sua maior parte, expositiva. Logo, a assertiva de Freire (1996, p. 23) fez-se compreensível, o qual postula que “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Passado esse primeiro momento, foi criado um evento denominado “Semana de Educação Patrimonial”, que passou a acontecer mensalmente. Na terceira edição, ocorrida em junho, o eixo temático girou em torno dos patrimônios imateriais presentes dentro das festividades juninas. Para além do problema de aproximação com os alunos, que ainda estava impessoal e consistiu em um dos obstáculos educacionais nesses tempos pandêmicos, tratar das danças juninas a partir de uma perspectiva histórica não foi fácil devido à escassez



bibliográfica na nossa área. O desespero deu o tom ao processo de construção da aula, um dos nossos maiores desafios até então.

Conforme Rocha (2015, p. 87-88), “Planejar aulas de História é concatenar aspectos diversos. Há a considerar as finalidades educacionais que estão no horizonte da disciplina, características do conteúdo a ser ministrado, [...]”, isto é, ao preparar uma aula o professor deve fazer escolhas. Nessa direção, o conhecimento adquirido no desenvolvimento dessa aula foi justamente o de aprender a fazer escolhas, o qual foram orientadas pela falta de tempo, pela já citada escassez bibliográfica, a impessoalidade que ainda se encontrava o vínculo com os alunos e as ferramentas disponíveis. Não tem como falar sobre tudo com qualidade, muito menos sem ser cansativo, por isso aprender esse ponto foi elementar. Além do mais, nos fez ir atrás de novas formas didáticas para lecionar, porquanto desvendar outros formatos que não o expositivo se fazia imperativo.

A pergunta que pairava no ar era “Como dinamizar a aula frente às restrições do modelo remoto?”. A forma escolhida foi a utilização de plataformas digitais, como *Mentimeter* e *Google Forms*. A ideia era usar o *Google Forms* para mapear os conhecimentos prévios sobre a temática e o *Mentimeter* para montar alguns jogos. Em contrapartida, não havia garantia se iria funcionar e se os objetivos para a aula seriam atingidos. O formulário, de antemão, configurou mecanismo importante para a construção da aula, alertando para quais eixos focar. Já durante a aula, a participação dos alunos nos jogos começou a corresponder às expectativas, chegando a ultrapassá-las. As dinâmicas colaboraram para um estreitamento de laços e uma descontração, rompendo com a rigidez comum ao ensino remoto.

Em setembro, com o avanço da vacinação, foi decidida a prática de algumas ações presenciais, o que nos levou diretamente ao chão da escola, suscitando novos desafios. Na fabricação da aula, a própria estrutura da escola foi um aspecto a ser levado em consideração, pois desta vez não foi possível a utilização do slide como dispositivo de apoio para prática docente, que até aquela ocasião havia sido um instrumento empregado corriqueiramente. Outro ponto foi a questão do tempo, pois no modelo presencial, o fosso entre o docente e os alunos se reduz, garantindo uma maior interação e intervenção dos discentes. Também houve diminuição do horário presencial por conta das exigências sanitárias de contenção à pandemia, o que unido ao elemento anterior geraram uma adaptação às circunstâncias – assinalando a necessidade de ser maleável e de ter sempre um “plano B”.

O objetivo desse primeiro encontro presencial era montar a próxima “Semana de Educação Patrimonial”, prevista para ocorrer em outubro, dentro do modelo de ensino híbrido. Dessa forma, optamos por designar as atividades a serem apresentadas no evento



pelos grupos, assim como dar uma oficina como auxílio para a produção destas. A atividade proposta foi a entrega de um relatório de pesquisa sobre o patrimônio objeto de estudo. Em função do exercício solicitado, a aula se voltou para o processo de construção do conhecimento histórico, do uso das fontes e suas possibilidades e, sem dispensar o papel do historiador. Pensando nisso, usou-se uma dinâmica de análise de fonte como recurso didático e, para isso, o tempo de aula expositiva foi reduzido, visando a execução dessa ferramenta.

Fora as aulas, o programa também contou com reuniões mensais entre a equipe e a realização do “I Seminário Interno do PIBID História UFPE”, dividido em dois dias, em julho. As reuniões serviram para criação de planejamento das semanas de educação patrimonial, tirar dúvidas, compartilhar materiais e fazer um balanço do que houve no mês anterior buscando melhorias e identificar eventuais falhas. O seminário interno foi um evento de socialização com todos os participantes do PIBID, incluindo os professores supervisores e o coordenador, em que cada dupla ficou responsável por apresentar um texto sobre educação, ensino de história, patrimônio cultural ou educação patrimonial.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Partindo das dinâmicas mencionadas, é possível refletir sobre o valor da formação inicial de professores mediante o PIBID, posto que “Através da prática aprende-se um modo de ser professor porque é por ela que podemos aplicar as teorias e nos certificar delas” (HOLANDA E SILVA, 2013, p. 4). Ou seja, apenas a prática em si não assegura sucesso do ensino-aprendizagem, pelo contrário, é imprescindível o uso aliado de teorias para examinar as oportunidades a serem aproveitadas. No fim, são polos que se retroalimentam, na medida em que para uma teoria ter validade necessita de aplicação. Portanto, a sala de aula do PIBID configura espaço que oferece o benefício de desenvolver o que é aprendido dentro dos muros da universidade, facilitando modos de lidar com os conflitos dispostos dentro desse ambiente.

Consoante com Ambrosetti (2013, p. 154), o diálogo entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento decorrente da experiência é um ponto central do debate relativo à formação de professores. A dicotomia teoria e prática é considerada uma das barreiras a serem derrubadas em função de uma aproximação mais articulada entre a academia e os espaços de exercício profissional. Assim sendo, a partir de atividades proporcionadas pelo PIBID, como o seminário interno, que resultou em uma conversação entre o conhecimento acadêmico e as reflexões acerca do espaço escolar, o programa atua como elemento necessário para a superação da justaposição entre teoria e prática, uma problemática indispensável ao debate de formação de professores.





Mais do que isso, o PIBID assume com excelência um papel de introduzir os licenciandos na realidade da rede pública de Educação Básica, mostrando os problemas estruturais existentes e os percalços enfrentados pelos professores supervisores. É uma vitrine que oferece um patamar privilegiado do que será vivido no futuro como docente, e ainda atua em prol de preparar para essa caminhada. Para tanto, a seguinte citação sintetiza bem sua magnitude nessa caminhada

PIBID contribui para uma análise reflexiva da prática docente que resulta na formação de uma identidade profissional, a qual permita que como futuros docentes, possamos ultrapassar as barreiras da gestão autoritária, dos planejamentos pré-elaborados, da hierarquização existente numa cultura tecnocrática e assim garantir uma docência compartilhada, uma aprendizagem significativa que resulte em indivíduos educados para o saber e não unicamente para o saber fazer. (ANJOS E COSTA, 2012, p. 4)

De acordo com Soczek (2011, p. 63), existe um abismo entre a escola e a produção acadêmica das instituições de Ensino Superior. Os professores das escolas acabam por ficar de fora desse universo. Em vista disso, as reuniões mensais foram como articuladoras do diálogo entre o professor supervisor, os alunos da graduação e o professor coordenador. Aproximar os professores das escolas das produções acadêmicas é um desafio a ser superado e o programa se revela como instrumento essencial para esse processo entre estas duas esferas educacionais.

**Palavras-chave:** PIBID; História; Formação Inicial; Licenciatura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBROSETTI, Neusa Banhara et al. Contribuições do PIBID para a formação inicial de professores: o olhar dos estudantes. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 4, nº 1, 2013.
- ANJOS, Lucélia Carla da Silva dos; COSTA, Ideuvaneide Gonçalves. A contribuição do PIBID à formação docente. In: **II Seminário de Socialização do PIBID**, 2012, UNIFAL – Minas Gerais.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz & Terra, 1996.
- HOLANDA, Dorghisllany Souza; SILVA, Camila Sibelle Marques da. A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE: um relato de experiência. In: **XI ENEM – Encontro Nacional de Educação Matemática, Educação Matemática: Retrospectivas e perspectivas**, 2013, Paraná.
- MONTEIRO, Ana Maria. Formação de professores: entre demandas e projetos. **Revista História Hoje**, v. 2, nº 3, 2013.
- ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. AULA DE HISTÓRIA: EVENTO, IDEIA E ESCRITA. **História & Ensino**, Londrina, v. 21, nº 2, 2015.
- SOCZECK, Daniel. PIBID como Formação de Professores: reflexões e considerações preliminares. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 3, nº 5, 2011. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>. Acessado em: 24 de outubro de 2021.